

um golpe, para que a decisão e a coragem não sejam apenas disfarces para a falta de juízo.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando avarentos recusam a moeda ao mendigo e o pão à criança nas ruas. Corações endurecidos, o que nós dizemos é bondade. Porque de bondade é feita a verdadeira justiça, e na balança dessa justiça, uma lágrima pesa mais que o pão e a moeda.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os dominadores fazem da política um clube para onde vão, usando máscara, deixando em casa a família e os segredos. O que nós dizemos é sinceridade. Porque política deve ser a continuação da casa, verdade compartilhada, comunidade de idéias que não precisam ser concordantes, basta que sejam honestas.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que se julgam fortes carregam como troféu a idéia da superioridade: do homem sobre a mulher, do branco sobre o negro e o índio, do adulto sobre a criança. O que nós dizemos é igualdade. Porque não existe superioridade a ser exercida, mas diferença a ser respeitada. E porque o troféu da opressão é feito de barro e banhado no sangue dos inocentes.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os que se julgam sábios se orgulham de dominar a Terra com a ciência e a arte de queimar as árvores, matar os animais, sujar os rios, poluir o ar. O que nós dizemos é harmonia. Porque todo domínio gera revolta e todos os destruidores terminam por atingir a si próprios. E porque o verdadeiro progresso consiste em navegar a favor do vento, das águas e da vida, e nunca contrários à natureza.

Escutem o que temos dito em todos os séculos, quando fomos espancadas, humilhadas e ofendidas em nossas próprias casas, apedrejadas nas ruas, queimadas nas fogueiras, vendidas nos mercados, escravizadas nos campos, exploradas nas cidades. O que dizemos é respeito. Porque, tanto quanto os homens, nós construímos o mundo com nosso trabalho e o colocamos em movimento com nossas idéias. Temos os mesmos direitos sobre os frutos que foram regados com nosso suor e o nosso sangue.

Escutem o que temos dito em todos esses séculos, quando os escolhidos sorriem de prazer, fartos, saciados, banhados e vestidos, acariciados e massageados, aquecidos e alimentados. O que dizemos é amor. Porque amor é o que podemos dar e queremos receber. Porque fora do amor não há salvação e se essa fonte um dia secar, morreremos todos de sede.

Escutem o que dizemos. Porque é verdade. Porque o rumo que a ação humana tomou sobre a Terra está errado e precisa ser corrigido. Porque a vida precisa ser inteiramente modificada. Porque o sentido de viver precisa ser encontrado. E porque qualquer mudança só acontece quando se ouve a voz que vem do coração. A nossa voz que, todo esse tempo, tem procurado fazer ouvir sua poesia.

Eu gostaria de ter a poesia de todos os poetas, mas como não tenho, fiz um modesto poema para traduzir, em versos, o amor que nós queremos. A primeira parte dele é um lamento, mas a segunda parte é uma afirmação do sentimento muito maior que a humanidade pode ter. Vamos tentar falar de Marias, de Amélias e de Madalenas:

No sofrimento somos Maria,/Mãe de um Deus assassinado./Marias, sem alegria.

Dor sem futuro ou passado./ Na renúncia somos Amélia, de uma triste verdade./Amélias sem sonho, desejo ou vontade.

No preconceito, Madalena,/nas praças apedrejada./Madalenas: ao pecado/ e à culpa predestinadas.

Só no amor temos os nomes/ e as formas de nossa estima;/ velha mãe, jovem formosa/ e, eternamente, menina.

**O SR. PRESIDENTE** (Magno Malta) – Com a palavra o nobre Deputado Joaquim Francisco, grande Prefeito do Recife na época em que lá estudei, cujo pronunciamento ouvirei com muito gosto.

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** (PFL – PE. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, de volta a esta Casa, depois de mais de uma década cumprindo outras missões, trago nas mãos a colheita de experiências e a maturação de esperanças. Há, neste retorno, toda uma miscelânea de sentimentos, que trafegam do entusiasmo pela retomada da tarefa até a perplexidade perante a dimensão de que ela se reveste. Isto porque, até pelo acúmulo de vivências na minha já longa trajetória de homem público, estou consciente da gravidade desta hora e dos desafios que me cabe afrontar, ao lado dos meus ilustres companheiros de Parlamento.

Com muitos destes eu já tive a honra de conviver, aqui ou em outros espaços políticos. Alguns deles de há muito admiro. De outros tantos venho recebendo lições de sabedoria, altivez e hombridade cívica, que de certa forma têm contribuído para aperfeiçoar o meu caráter de servidor público e para fortalecer-me o ânimo de patriota. Com outros ainda, independentemente de legendas partidárias, convicções ideológicas, conceitos filosóficos, visões da realidade

de mundial e brasileira, venho entretendo um relacionamento respeitoso e cordial, mesmo quando as divergências superam as convergências.

Perante todos, porém, sinto-me um igual em partilha de deveres e afazeres. Pois é assim que funciona a democracia e é assim que se sustém, em seu sentido mais elevado, a importância desta instituição imprescindível à construção do País próspero e igualitário, cujos fundamentos se encontram também em nossas mãos, depositários que somos das aspirações, inspirações e inquietações da sociedade nacional.

No momento em que inicio - e reinício - minhas atividades neste cenário de intercâmbios e decisões, é este o meu primeiro compromisso: o de trabalhar em conjunto com meus pares, no sentido de dignificar e justificar a expectativa dos que me alçaram, com a sua confiança em minhas crenças e coerências, a esta tribuna onde ecoaram e ecoam as vozes de tantos proeminentes brasileiros.

Por aqui passaram, ou aqui, direta ou indiretamente, fizeram incidir as luzes de suas inteligências, figuras que marcaram e marcam primorosamente a nacionalidade e que tanto influenciaram minha formação intelectual: um Joaquim Nabuco, um Agamenon Magalhães, um Afonso Arinos, um Milton Campos, um Aliomar Baleeiro, um Barbosa Lima Sobrinho. Ao seu lado, comendo também um painel que me é tão caro ao pensamento e à sensibilidade política, nomes como os de Frei Caneca, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana, Capistrano de Abreu, Gilberto Freire. A propósito, no próximo ano estaremos comemorando os 100 anos de nascimento deste grande pernambucano, que legou a Pernambuco e ao mundo uma das obras mais respeitadas e admiradas de todos os tempos. Por meio da leitura dos seus livros, bem como de contatos pessoais que tanto me envaidecem, foi tomando forma e corpo este acervo a um só tempo eclético e coerente, em que se desdobram minhas idéias e ideários. Acervo que também incorpora influências de estadistas, intelectuais e artistas de dentro e fora do Brasil: De Gaulle, Rui Barbosa, Machado de Assis, Eça de Queiroz, José Régio, João Cabral de Melo Neto. Tantos e tantos que ainda hoje consulto e freqüento, seja para inspirar-me a mente e o coração, seja para não deixar que se arrefeça, no fundo da minha alma, o "certo modo de ver" a que se referia Carlos Drummond de Andrade. Com eles, com todos eles e muitos outros, dialogo diuturnamente, até para não perder o prumo da advertência de Goethe: "Por aquilo que herdaste dos teus

antepassados" - e, acrescento eu, dos teus contemporâneos -, "luta para verdadeiramente merecê-lo".

O compromisso, então, tem a ver com minha ação política e administrativa nas últimas décadas, desde Secretário do Trabalho de Pernambuco, Prefeito do Recife por duas vezes, Ministro do Interior, Deputado Constituinte, Governador de Pernambuco e Consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Ministro do Interior, Deputado Constituinte, Governador de Pernambuco e Consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento - onde tive a oportunidade de, durante um ano, trabalhar na área de reforma e modernização do Estado, convivendo com lideranças expressivas de vários países da América do Sul; afora outras atividades, tanto na esfera pública quanto na particular, sempre marcadas pela busca de solução das questões que se vinculam aos interesses nacionais e, mais especificamente, nordestinos e pernambucanos. Experiências acumuladas que pretendo utilizar nesta Casa e em outros fóruns de debate e ação, como forma de ajudar na correção de rumos e no balizamento para novas construções.

Tem sido longa, portanto, a caminhada, que agora retomo com a humildade de sempre; humildade de quem está disponível a extrair lições e colher ensinamentos tanto dos mais jovens quanto dos que, temperados no convívio e nas lides parlamentares, já deixaram seus nomes nitidamente gravados nos Anais deste Legislativo.

É esta a disposição com que me apresento: a de saber ouvir e dialogar, para melhor construir e acrescentar. A humildade a que me referi há pouco decorre da decantação, possível a esta altura da minha vida, no princípio de que ninguém, isoladamente, é detentor exclusivo da verdade. E mais ainda: de que ninguém, por mais brilhante e erudito, é capaz de edificar uma obra sólida e perene, sem o concurso dos que os cercam e também dos que dele discordam e com ele rivalizam, em clima de elevada permuta de opções.

**O Sr. Severino Cavalcanti** - Permite-me V. Exa. um aparte?

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** - Com prazer, Excelência.

**O Sr. Severino Cavalcanti** - Nobre Deputado Joaquim Francisco, é realmente uma audácia deste Parlamentar interromper pronunciamento como este de V. Exa., mas não poderia ficar distante, quando teria de trazer aqui o meu testemunho e a minha satisfação em saber que Pernambuco mandou para esta Casa um homem com o passado cheio de gló-

rias, com relevantes serviços prestados ao seu estado e ao País. A postura de V. Exa. e o seu desempenho não vão ser surpresa para ninguém, não vão ser surpresa para Pernambuco nem para o Brasil, que já conhecem de longo tempo a sua trajetória, sempre procurando dar o melhor. Quando ocupou o Ministério, por discordar da linha mestra do Governo, passou apenas cerca de um mês e renunciou, abandonou o Ministério para ir para a planície, em uma prova inequívoca da sua formação, do seu caráter e da sua dignidade. E quero testemunhar que fui Deputado na Assembléia Legislativa quando V. Exa. era Governador, passado esse que enriqueceu minha vida pública, pois então pude compartilhar de seu governo, que deixou Pernambuco marcado pela seriedade, honradez e dignidade. Estou satisfeito, Deputado Joaquim Francisco, em tê-lo agora como meu mestre. Vou receber lições de V. Exa. Passei esses quatro anos aqui sem professor, mas agora posso dizer que tenho o Prof<sup>o</sup> Joaquim Francisco!

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** – Agradeço ao nobre Deputado Severino Cavalcanti, um dos mais combativos e maiores lutadores pelas causas pernambucanas e que sempre, na Assembléia Legislativa e neste Parlamento, demonstrou a todos seus companheiros sua capacidade de luta, lealdade e defesa dos princípios a que se entrega - sempre uma defesa clara e objetiva. Sinto-me envaidecido com as palavras de V. Exa.

Feita esta enfática declaração de minha abertura para o convívio e a temperança, sinto-me agora à vontade para sublinhar alguns outros princípios e propósitos dos quais não abrirei mão, por inerentes ao meu caráter, à minha formação, à minha postura de honradez individual e política. É assim que reafirmo: aqui estou para o cumprimento de uma tarefa que tem a ver com o próprio destino nacional. Isto porque, embora atento ao dado factual de que a ação de cada parlamentar considerada isoladamente não é o bastante por si só para as transformações exigidas pela sociedade brasileira, estas somente poderão ser alcançadas pela oportuna e lúcida movimentação das pedras do tabuleiro institucional. Seu gesto, assim, em meio a tantos outros gestos dos seus pares, é que definirá e decidirá o futuro.

Estou pronto para cumprir a minha parte, nesta hora atribulada da vida nacional, sem praticar a ideologia do pessimismo, mas também sem concessões à cegueira ante as intempéries. Sem personalismos ácidos, mas também sem adesismos flácidos. Sem negativismos inócuos, mas também sem oportunismos iníquos. Sem perder de vista as cores sombrias

de um panorama de inquietação popular, descrença nas instituições e nos por ela responsáveis.

E aqui, Sr. Presidente, é necessário que todos nós, inclusive do Partido da Frente Liberal, que damos sustentação ao Governo, possamos levantar a nossa voz de apoio, mas também de inquietação e de frustração diante de tantas alternativas que foram perdidas pelo povo brasileiro nos últimos meses.

Tive oportunidade de participar de reunião da bancada do meu partido com o Sr. Presidente da República, e entre as sugestões que foram apontadas na hora houve a de que o Governo opere de maneira mais ágil, de que os Ministros atendam às reivindicações regionais, enfim, de que o Governo se movimente para mostrar à sociedade brasileira que temos, conhecemos e podemos vencer os compromissos do País para a geração de emprego, para o desenvolvimento e para o equilíbrio das contas nacionais.

Foi para isso que vim, na condição de brasileiro e nordestino que não se conforma com as estatísticas desonrosas da nossa realidade, em que ganham relevo sinistro os índices insuportáveis de disfunções sociais e econômicas que dramatizam a vida nacional, em que o ícone da globalização, aceita como dogma, faz contraponto com a exclusão de milhões de brasileiros do mercado de trabalho, da moradia, da educação e da saúde.

Ouçõ com prazer, o nobre Deputado Carlos Dunga.

**O Sr. Carlos Dunga** – Nobre Deputado Joaquim Francisco, não poderia deixar de somar-me a V. Exa. no pronunciamento que faz, Paraíba e Pernambuco. Somos conterrâneos, conheço o trabalho que V. Exa. desenvolveu no Estado de Pernambuco como Secretário, Deputado, Governador e Ministro. E aqui, nesta Casa, tenho certeza de que serei também um dos alunos da grande escola da qual V. Exa. será um dos mestres: este plenário. Parabéns V. Exa. pelo regresso a esta Casa e pelo grande trabalho que tem feito pelo Nordeste brasileiro!

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** – Muito obrigado pelo aparte, nobre Deputado Carlos Dunga. Conhecemos bem a realidade do nosso Nordeste, do nosso Umbuzeiro, da nossa Macaparana. São terras irmãs e, portanto, juntos poderemos restaurar a esperança de milhares de nordestinos com nossa atuação.

A realidade a que me referia insiste em expulsar do campo as sempre recorrentes vítimas da seca do Nordeste, região não raro deserdada pelo Poder Central, enquanto dispõe de todos os requisitos para participar ainda mais direta e efetivamente da riqueza do País.

Foi para isso que vim, para desfraldar as bandeiras do trinômio educação-saúde-saneamento básico; da agricultura que produz alimento, gera renda e fixa os contingentes rurais em suas terras; do meio ambiente, sem cuja preservação as gerações atuais e futuras serão punidas; do planejamento familiar; do vigoroso processo de moderna industrialização, que avance na ciência e na tecnologia sem deixar de investir nos recursos humanos.

São estas e muitas outras bandeiras que devem compor a obrigatória relação de prioridades que exigem decisão política dos governos e engajamento da sociedade, para que sejamos uma Nação respeitada, soberana e justa.

Foi para isso que vim com a tenacidade, a obstinação, o destemor, a independência e o espírito de brasilidade que emprestam um sentido ao meu mandato e justificam a crença dos que comigo compartilham o ideal a cuja luz aqueço a minha missão. Em outras palavras: acredito que, na tarefa de honrar o compromisso com a Nação, tudo vale a pena, desde que pequena não seja a alma e apequenada não seja a transparência moral e a grandeza cívica.

Tais os princípios basilares que compõem minha investidura de mandatário popular. Com a modestia do aprendiz, a firmeza da auto-estima e a suficiência de quem se sente privilegiado pelas tantas oportunidades de vivências e convivências salutares e enaltecidas do ser humano, aqui estou para somar e contribuir, agir e reagir. Estou ciente e consciente de que a omissão é indigna do homem público, de que os resignados e apassivados nada constroem e de que os individualistas e insensíveis são vocacionados apenas para a destruição e a letargia.

Lanço um olhar desta tribuna, ao mesmo tempo brasiliense e brasileira, para a imensa extensão do meu País e me confesso visitado pelo inconformismo e até pela indignação, que quase beiram os sentimentos de impotência e desânimo. É que o território, tão vasto e tão díspar, é ocupado por milhões de irmãos nossos que merecem um destino melhor. Eles estão a clamar por um tempo menos cáustico e um cenário menos tingido de sombras que já deveriam definitivamente ter sido afastadas. E contam conosco para essa mudança de panorama. Até mesmo quando em nós afirmam não acreditar, contribuindo, destarte, para a configuração de uma imagem eventualmente pouco favorável ao nosso respeito, a verdade é que, nas camadas mais profundas de suas mentes e corações, eles sabem que esta é a sua Casa. Nós aqui estamos porque eles assim o desejaram. Nós somos sua voz e seu referencial. Esta Casa não nos pertence, e sim ao povo brasileiro. O

que acontecer nesse espaço democrático irá influenciar em suas vidas e repercutir em seus destinos.

Daí que não compareço a esta tribuna, Sr. Presidente, Srs. Deputados, tangido pela vaidade e pela auto-afirmação, por mais que a estas humanas tentações eu também não esteja imune. Aqui me apresento para buscar caminhos, para garimpar alternativas, para desdobrar-me em empenho e audácia patriótica no sentido de cooperar, dentro das minhas naturais limitações, com o soerguimento socioeconômico do País.

Aqui estou, munido dos tantos instrumentos que a experiência política me tem ensejado, para imprimir traços mais seguros, condignos e claros à viagem que o Brasil não pode mais adiar rumo a sua destinação inarredável: uma Nação sem os intoleráveis desequilíbrios interpessoais e inter-regionais de renda que a deprimem e envergonham; uma Nação que se imponha ao mundo não somente pela pujança da sua economia, mas sobretudo pelo nível de civilização e civilidade que a era moderna pode propiciar; uma Nação cujos filhos se orgulhem de nela viver e conviver sem intolerâncias, radicalismos, distorções sociais e carências revoltantes e desprimosas da condição humana.

É para isso, para travar esta batalha agora iniciada, que compareço, pela segunda vez a este Congresso. Creio firmemente que todos os senhores estão imbuídos dos mesmos propósitos. Decerto não são coincidentes os ideários, os programas, os projetos e os padrões operacionais com que pretendemos atingir aqueles objetivos. Aliás, não poderiam ser. A essência desta Casa, sua força motriz, é a multiplicidade de conceitos e preceitos. É assim que funciona o processo democrático: a possível confluência dos contrários, gerando o consenso forjado no bom senso. Aliás, como já afirmava o filósofo Julien Freund, uma política não polêmica é impensável.

Ouçó, com prazer, o nobre Deputado Clementino Coelho.

**O Sr. Clementino Coelho** – Deputado Joaquim Francisco, como pernambucano, não poderia deixar de fazer uma declaração. Fomos adversários em 1990, quando V. Ex<sup>a</sup> concorreu ao cargo de Governador. Meu pai era, então, candidato a Vice-Governador em outra chapa. V. Ex<sup>a</sup> chega a esta Casa com a experiência política e a independência que, ao que me parece, poucos ostentam de forma alta-neira. Neste grave momento por que passa a economia nacional, o Congresso precisa de homens que não tenham fidelidade temática, mas que estejam alinhados com o povo nas praças públicas, com as

suas necessidades, atentos aos desequilíbrios, às desigualdades e às injustiças, sobretudo as praticadas de maneira exacerbada pelo atual Governo. Tenho certeza de que V. Ex<sup>a</sup> vem para combater o bom combate e contribuir, não para se alinhar; vem para alertar e mudar o curso da política. Estou em meu primeiro mandato e, como pernambucano, conterrâneo que sou de V. Ex<sup>a</sup>, quero aprender. Deputado Joaquim Francisco, V. Ex<sup>a</sup> citou em seu pronunciamento Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, De Gaulle e outras grandes personalidades. Nenhum desses homens se acomodou na história; nenhum deles se omitiu em um momento de dificuldade e gravidade. Tenho certeza de que, se V. Ex<sup>a</sup> os consulta, os lê, os indaga, será um deles. É uma honra participar desta Legislatura, porque temos a oportunidade de transformar o Brasil em um País que abrigue a todos. V. Ex<sup>a</sup> trará para esta Casa a experiência que obteve por ter trabalhado nos Poderes Executivo e Legislativo. Muito obrigado.

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> o aparte, nobre Deputado Clementino Coelho.

Relembro um trecho do discurso de posse do ex-Governador Agamenon Magalhães, a quem o seu tio, Senador Nilo Coelho, já falecido, gostava tanto de referir-se. Agamenon Magalhães disse certa vez, em pronunciamento feito no Palácio do Governo, que detestava a inutilidade de vidas sem conteúdo social e político. Ele levantava sua voz, como estadista que foi, antecipando-se a uma série de conquistas sociais.

Depois, aos 18 anos de idade, ainda bem jovem, recebi o convite do Governador Nilo Coelho, em 1967, para ser seu Oficial de Gabinete, e aí iniciei efetivamente a minha carreira política, tendo, ao longo desses anos, concorrido e vencido cinco eleições, o que me traz a esta Casa com a responsabilidade acrescida de discutir à luz das minhas experiências e falar das minhas convicções.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> o aparte e o incorporo ao meu discurso.

Decerto haverá, e emergirão com frequência, diferenças de forma e conteúdo entre cada um de nós, por conta de compromissos partidários, de demandas regionais e estaduais, de padrões e perfis de toda ordem, até mesmo no âmbito das fronteiras legendárias que representamos. Não importa. O importante mesmo é que, desse conjunto de vozes, uma delas se ergue suprema, competindo-nos assimilá-la e fazê-la reverberar: a voz da brasilidade!

Este compromisso eu assumo sem hesitações; e haverei de honrá-lo, mantendo-me fiel às tradições de lealdade e bravura do povo pernambucano. (Muito bem!)

*Durante o discurso do Sr. Joaquim Francisco, o Sr. Magno Malta, § 2º do artigo 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Severino Cavalcanti, 2º Vice-Presidente.*

**O SR. MAGNO MALTA** – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Severino Cavalcanti) – Tem V. Ex<sup>a</sup> a palavra.

**O SR. MAGNO MALTA** (PTB – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, por ser este um dia festivo, tomo a liberdade de solicitar a palavra, antecipando-me ao nobre Deputado Fernando Coruja, que será o próximo orador do Grande Expediente.

Não poderia deixar de trazer à luz, no Dia Internacional da Mulher, a memória de D. Dadá, minha mãe. Essa nordestina, simples faxineira de um prédio escolar e merendeira, tinha a missão nobre de higienizar e alimentar as crianças da sua escola. Em nome de minha mãe, quero homenagear hoje milhões de anônimas deste País, desrespeitadas, estupidadas, desempregadas que trabalham nas ruas como camelô, alimentam filhos, cuidam de filhos, em um ato de bravura, já que foram abandonadas com seus filhos pelo Poder Público, que lhes nega o direito à saúde, à educação e à segurança.

Sr. Presidente, nesta data importante, lembro a ocasião da morte de Lady Di, a cujo enterro mais de um milhão de pessoas compareceram, porque se tratava de um rosto bonito que estava debaixo dos holofotes. Enquanto isso, ao lado, estava o cemitério onde era sepultada Madre Teresa de Calcutá, com a presença de pouco menos de 5 mil pessoas. A diferença: uma deu o que sobrou; a outra deu sua própria vida. É o que se vê neste País.

Neste exato momento, minha sogra, D. Ivone dos Santos, está sendo operada do coração. Não poderia furtar-me a homenageá-la, como mãe que também é, e a homenagear tantas anônimas de valor deste País.

**O SR. PRESIDENTE** (Severino Cavalcanti) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Fernando Coruja, que disporá de 25 minutos na tribuna.

**O SR. FERNANDO CORUJA** (PDT – SC. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, ocupo esta tribuna em função de ter sido sorteado para participar do Grande Expediente. Na